

Rio Paquequer - Sumidouro (RJ): Memória da ocupação de sua nascente

DIAS, Rafael de Souza 1(*)

1 - UERJ | (*) Brazil

I. Embasamento Teórico e Revisão dos Conceitos Fundamentais utilizados na pesquisa

I. 1. A História Ambiental

A História Ambiental é uma disciplina nova, praticada principalmente nos EUA e na Austrália, mas que já vem atraindo a atenção de estudiosos na França e em outros países nos últimos anos. O alicerce desta disciplina é a relação entre a história natural e a história social, o que a caracteriza como um campo de estudo interdisciplinar, incluindo diversas dimensões. Desse diálogo múltiplo com outras ciências surge uma certa dificuldade em reconhecê-la ou classificá-la dentro de limites temáticos (FREITAS, 2002, p.157).

A idéia de uma História Ambiental surge na década de 1970, acompanhando a preocupação com o meio ambiente que caracterizou o período. Movimentos ambientalistas cresciam entre os cidadãos de vários países ao mesmo tempo em que se realizavam conferências sobre problemas globais. Ou seja, ela surge em um período de reavaliação cultural em escala mundial.

Os EUA podem ser considerados com o centro da produção de trabalhos acadêmicos relacionados a esta nova linha de pesquisa, especialmente pela força norte-americana em sua liderança quanto à discussão de questões ambientais. Outro centro inovador é a França, destacando-se os trabalhos dos historiadores ligados à revista *Annales*, que há algumas décadas alerta para a urgência em se discutir questões ambientais. Assim como os historiadores americanos, os franceses tiveram seu interesse pelo ambiente revigorado pelos movimentos na segunda metade do século XX. Em 1974, uma edição especial dos *Annales* dedicada a História Ambiental descrevia o campo de estudo dessa disciplina:

A história ambiental reúne os temas mais antigos com os mais recentes na historiografia contemporânea: a evolução das epidemias e do clima, ambos os fatores sendo partes integrantes do ecossistema humano; a série de calamidades naturais agravada por uma falta de antevisão, ou mesmo por uma absurda “disposição” dos colonizadores simplórios; a destruição da Natureza, causada pelo crescimento populacional e/ou pelos predadores do hiperconsumo industrial; as mazelas de origem urbana e industrial, que levam à poluição do ar e da água; o congestionamento humano ou os altos níveis de ruído nas áreas urbanas, num período de urbanização galopante.¹ (DRUMMOND, 1991, p.3)

Simplificando, a História Ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana. Longe de uma possível idéia de “determinismo ambiental”, pode-se dizer que a História Ambiental trata a natureza como um objeto, mas também como resultante de processos engendrados pelo homem e pela evolução natural da área, ou seja, a paisagem (WORSTER, 1991). Sua grande proposta é observar no passado, diante dos movimentos de um grupo social ou comunidade, os mecanismos de produção, reprodução e transformação no ambiente. Pouco importa os recortes político-territoriais que geralmente servem de base para a história política, econômica ou social, pois, de acordo com Martins (2007), o mais importante é focalizar regiões com alguma

¹ Trecho traduzido por José Augusto Drummond, a partir do texto original de Donald Worster.

homogeneidade ou identidade natural. Segundo a enumeração temática proposta por Drummond (1991), os trabalhos em História ambiental abordam:

- a) origens e efeitos de políticas e da cultura científico-administrativa de organismos governamentais com responsabilidade pelo meio ambiente;
- b) usos conflitivos de recursos naturais por povos com diferenças culturais acentuadas, ou por grupos sociais distintos dentro de sociedades complexas;
- c) saberes, práticas e valores sociais relativos à natureza;
- d) idéias de personalidades destacadas, como escritores ou militantes ambientalistas, sobre a natureza e as questões ambientais;
- e) casos notáveis de degradação ambiental

O historiador ambiental deve rejeitar a idéia de que a experiência humana é isenta de restrições naturais, constituindo-se isoladamente; pelo contrário, deve curvar-se à idéia de que os homens não possuem controle pleno das conseqüências ambientais provocadas por suas ações e sequer é capaz de prevêê-las com precisão. Martins (2007) diz que para o historiador ambiental, a elaboração do inventário mais amplo e complexo das relações entre sociedade e natureza, a observação, descrição e análise das questões socio-ambientais devem ser guiadas pela perspectiva de uma visão da integração dos seres no ambiente. Ainda segundo o autor, é um compromisso teórico a consideração de biomas, regiões e paisagens como sistemas abertos e caóticos, continuamente submetidos à influência de fatores aleatórios – dentre os quais as ações humanas - cujos resultados são imprevisíveis, no longo prazo. Complexidade, instabilidade, imprevisibilidade e não linearidade seriam as características dos ambientes nos quais se movem as sociedades.

O ambiente construído expressa a cultura. O seu estudo já progrediu bastante com a história da arquitetura, da tecnologia e da cidade. Mas quando lidamos com fenômenos tais como as florestas ou o ciclo hidrológico, estamos diante de energias autônomas que não derivam de nós. São forças que interferem na vida humana, estimulando algumas reações, defesas e ambições. Desta forma, Quando ultrapassamos o mundo auto-refletido da humanidade e chegamos à esfera não-humana, a História Ambiental encontra o seu principal tema de estudo (WORSTER, 1991, p. 17).

I. 2. A História Oral: A memória como ferramenta e objeto de estudo

Embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, apenas durante a década de 90 a história oral expandiu-se de forma mais significativa, principalmente depois da criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, e a publicação de seu *Boletim*.

Porém, apesar de estar relativamente difundida no meio acadêmico, há uma questão maior, central, que perpassa artigos e livros sobre o assunto: qual seria o status da história oral?

A história oral não pode ser confundida como um ramo da ciência História. Não é como a história econômica, política, social. Trata-se de um método que pode ser utilizado em qualquer um desses ramos, apontando sempre a conexão existente entre estes e não para suas divisões. E sob este ponto de vista que ela aparece ao longo de todo este trabalho.

Diria que é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da

experiência dos outros. O historiador oral é algo mais que um gravador que registra indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a conseqüente análise histórica. Que seu papel não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade não sejam substituídos pelas fitas de gravação (LOZANO, 1996, p.16-17)

Numa história oral temática, é possível a articulação de entrevistas como numa consulta documental. Os assuntos podem ser abordados de forma específica e as entrevistas bem diretas, porém a pesquisa sobre o que se está levantando tem uma grande importância e deve estar claro para quem pesquisa aquilo que deve procurar, para não se perder nas sinuosidades do pensamento do entrevistado. A objetividade é uma característica marcante nessa técnica, devendo-se insistir nos pontos que se quer levantar com um grande afinco. O valor histórico do passado lembrado apóia-se em três aspectos fundamentais. De acordo com Thompson o primeiro seria a capacidade de proporcionar informação significativa sobre o passado. O segundo seria a possibilidade de transmitir a consciência individual e coletiva que é parte complementar deste mesmo passado. A terceira seria exatamente o fato de estas fontes serem vivas:

Estamos lidando com fontes vivas que, exatamente por serem vivas, são capazes, à diferença das pedras com inscrições e das pilhas de papel, de trabalhar conosco num processo bidirecional. (THOMPSON, 1992, p. 195)

Ainda segundo o autor, a história oral vai contra a natureza da maior arte dos registros, que geralmente refletem o ponto de vista da autoridade, defendendo a sabedoria dos poderes existentes, pois agora as “testemunhas” podem ser convocadas também de entre as classes subalternas e os desprivilegiados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e imparcial do passado, contestando o relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral se compromete em favor da mensagem social da história como um todo. Em alguns casos a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação.

O aspecto transformador da história oral sobre a história da família também é um traço marcante, pois sem a evidência oral pouca coisa sobre as relações internas e cotidianas comuns da família é exposta, como por exemplo, a divisão do trabalho doméstico, a educação das crianças, relações entre vizinhos, etc.

Através da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas (...) ou migração pessoal para uma nova comunidade. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua própria morte. (THOMPSON, 1992, p. 21)

Para Thompson (1992), o processo de memória depende do da percepção. Nós aprendemos em categorias, percebendo o ajuste entre as informações, o que possibilita a sua reconstrução futura ou reconstruir alguma aproximação daquilo que compreendemos. Apenas por meio desse processo, a “mente humana tem vencido a tirania da sujeição à memória cronológica”, pois se não conseguíssemos organizar nossas percepções, só teríamos consciência daquilo que tivesse acontecido mais recentemente. O processo de memória depende não só da capacidade de compreensão

do indivíduo, mas também do seu interesse. Assim, é muito mais provável que “uma lembrança seja precisa quando corresponde a um interesse ou necessidade social”.

A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendido com os outros e vigor imaginativo. O lembrar, numa entrevista, é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte. É preciso que o pesquisador perceba como uma pergunta está sendo respondida da perspectiva de uma outra pessoa. (THOMPSON, 1992, p. 185)

De acordo com Halbwachs (1990), a história não é todo o passado, mas também “não é tudo aquilo que resta do passado”. Sobre o resgate das memórias individuais e coletivas, o autor diz que:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns entre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa. (HALBWACHS, 1990, p. 71)

O conceito de memória torna-se um elemento fundamental para se legitimar a História Oral como método de pesquisa. Segundo Arruda:

O conceito de memória é importante, pois permite analisar as representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e de desejos existentes sobre um determinado espaço geográfico. Pode ser que a memória de uma paisagem, sua descrição e interpretação, permitam que investiguemos lembranças de homens que não produziram ou deixaram documentos escritos sobre suas vivências. (ARRUDA, 1997, p. 50-51)

A memória, portanto, está inserida neste trabalho como um membro elementar na circulação de uma série de imagens sobre regiões, paisagens, natureza e sua utilização pelo homem.

II. Sumidouro

II. 1. História e localização

O município de Sumidouro localiza-se na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro (fig. 01 e 02), cujas coordenadas geográficas indicam Latitude 22° 02' 46" S e longitude 42° 41' 22" W. Seus limites são com os municípios de Carmo, Duas Barras, Nova Friburgo, Sapucaia, São José do Vale do Rio Preto e Teresópolis, ocupando uma área de cerca de 397 quilômetros quadrados, correspondente a 5,7% da área da Região Serrana. Divide-se em quatro distritos: Centro, Campinas, Dona Mariana e Soledade (Fundação CIDE, 2001).

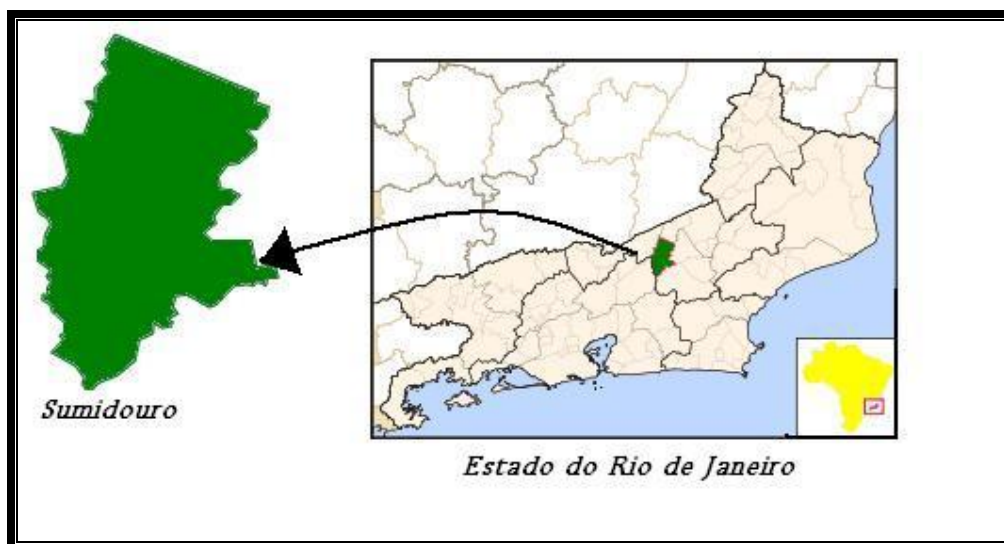


Figura 1. Localização do município

O ano de 1822 marca o início da colonização da área em que hoje se localiza o município de Sumidouro. De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, Rio, 1959), a construção de uma capela à margens do Rio Paquequer marcaria a construção de um pequeno núcleo populacional. A pequena vila, pertencente ao município de Cantagalo, ganha em 1836 o status de Curato², a partir da presença de um padre definitivo no local. Porém, desde a segunda metade do século anterior a região já funcionava como rota de escoamento de ouro de Minas Gerais à Corte, o que levou alguns estudiosos, como Lamego (1963) a considerarem a construção da capela apenas um marco ocupacional.

O declínio do chamado “ciclo do ouro” e o início de um novo período, onde o café se tornava a principal alternativa econômica, elevou Sumidouro à categoria de Freguesia, sob a jurisdição de Nova Friburgo, em 1843. E é nesse período, quando o Curato é intitulado Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer, que a região atinge o auge da produção cafeeira. Neste momento, surgem diversas fazendas que passam a prosperar com mão-de-obra escrava.

Com a abolição da escravatura em 1888, a região do Vale do Paraíba, calcada neste tipo de mão-de-obra, começa a perder espaço para outras regiões, principalmente aquelas que utilizavam trabalhadores imigrantes em suas lavouras. No entanto, particularmente a região serrana do estado do Rio de Janeiro ganhou uma sobrevida com a chegada estrada de ferro, o que impulsionou a economia da Freguesia e a emancipou, finalmente, em 1890. Surge, assim, no “apagar das luzes” da Monarquia o município de Sumidouro. Apesar dos esforços para a sua construção datarem de meados do século XIX, a conclusão deste ramal só se deu em outubro de 1889, um ano depois da Abolição da escravidão e um mês antes da Proclamação da República. Tratava-se de um ramal da Estrada de Ferro Leopoldina, a partir de Porto Novo do Cunha em direção a Nova Friburgo, passando por Sumidouro, até encontrar-se com o ramal de Cantagalo, na Estação de Conselheiro Paulino, trazendo melhores condições de escoamento, principalmente da produção cafeeira.

² Curato é um termo religioso, derivado de cura, ou padre, que era usado para designar aldeias e povoados com as condições necessárias para se tornar uma freguesia, ou seja, tornar-se o distrito de um município.

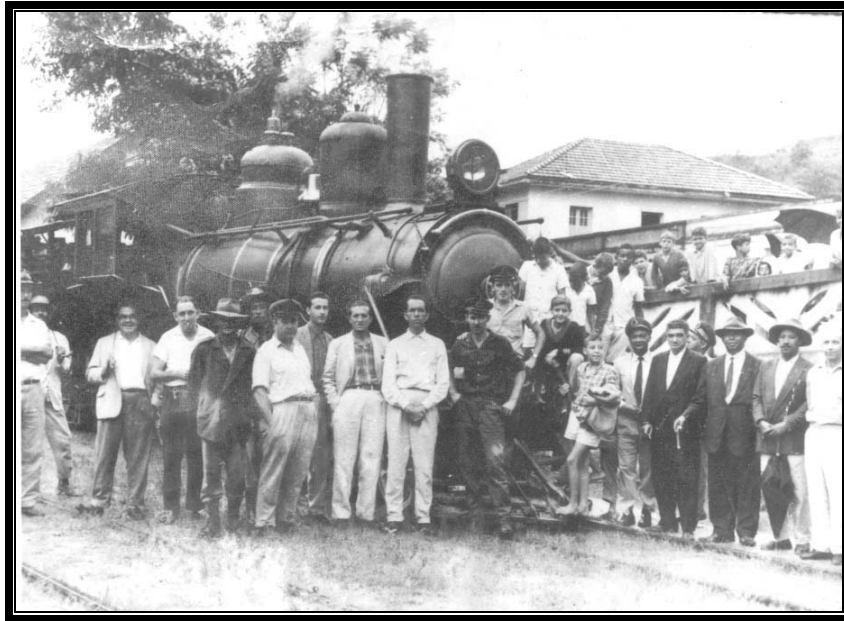


Figura 2. A chegada do trem a Sumidouro (fonte: www.sumidouro.rj.gov.br)

Com a chegada do trem, novas atividades passam a se fazer presentes no dia-a-dia dos sumidourenses. Alguns lugares vão se moldando ao seu apito. Um expressivo contingente de pessoal especializado vai, aos poucos, se agregando à população local. Viajantes, carvoeiros, lenhadores, carregadores, quituteiras e outros prestadores de serviço, de presença eventual ou permanente, vão se juntando a este contingente. Uma nova mentalidade vem povoar cabeças, impor costumes, expandir horizontes.

A Estrada de Estrada de Ferro chega. Com ela, novos costumes, novas maneiras de ver o mundo. Traz mais riqueza e opulência para a sociedade cafeeira. No entanto, mais uma vez o povo fica à margem do processo de desenvolvimento econômico ("Pró Memória", da Secretaria de educação e Cultura de Sumidouro. Disponível em: http://www.sumidouro.rj.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?idMun=10_0133084).

Já no início do século XX, a economia local, baseada na produção cafeeira, encontra seus limites com a crise que assola o maior comprador do café brasileiro: os estados Unidos da América, em função da "quebra" da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929. Chega-se, assim, ao fim do chamado "Ciclo do Café" em todo o Brasil.

A partir daí, Sumidouro entra em um longo período de decadência econômica, situação esta que somente começará a ser revertida com a introdução, mais recente, de um novo modelo de produção agrícola baseado principalmente na olericultura (lavouras de hortaliças e de legumes).

De acordo com LAMEGO (1963, p. 243): "Sumidouro demograficamente resistiu ao descalabro geral da Serra com a abolição e o declínio da cultura do café. Não verificamos ali o mesmo êxodo observado em outras zonas cafeeiras." Contribuíram para este novo modelo alguns aspectos próprios, tais como: a expansão das lavouras em terras até então preservadas; a migração para áreas ainda não exploradas, tanto da população local como pessoas de municípios vizinhos; a distribuição da maioria da população na zona rural (84%), conhecidas como "terras frias" (localidades de Soledade, Campinas e Dona Mariana); a predominância da pequena propriedade e a mão-de-obra familiar.

“Sumidouro”, entre outras definições, significa um curso subterrâneo de um rio através de rocha calcária. O nome do município tem sua origem relacionada a um acidente geográfico semelhante, bem pouco comum, que chamou a atenção de muitos viajantes que acompanharam o rio Paquequer desde fins do século XVIII. Tão significativo era o acidente que chegou a suplantar o antigo nome de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer e passou a nomear a região. Segundo relatos, este raro e exótico acidente natural era objeto de atenção de muitos visitantes locais e de outras regiões, de forma a merecer até uma parada de trem, num momento em que as pessoas aproveitavam a laje sobre o Paquequer e o prazeroso cenário natural a sua volta. Porém, em meados da década de 40, uma grande enchente no rio Paquequer, provocou a obstrução do fluxo das águas por aquela via subterrânea. Diversas tentativas de retirar o entulho e desobstruir a passagem foram feitas, mas todas fracassaram. Assim, curiosamente, o município perdeu o cartão postal que deu nome ao lugar.



Figura 3. Pessoas reunidas sobre a laje do Sumidouro (Fonte: www.sumidouro.rj.gov.br)

Recorrendo às entrevistas realizadas, O tal sumidouro é citado por Maria Jose Storani, em entrevista ao prof. Eduardo Stotz:

“Eduardo: E o quê a senhora lembra das suas amigas?”

Maria José: Ah dos brinquedos que a gente fazia. E aqui tem um lugar que agora não é mais freqüentado, que a água desaparecia mais de um quilômetro, era tudo seco de pedra, areia e então a criançada gostava de fazer piquenique. Vinha até pessoas de fora. Então o lugar era um lugar lindo, mais houve uma enchente muito grande que entupiu aonde a água...

E: Sumia.

MJ: Sumia. Então não tem mais isso. Mais as pessoas adultas também iam. Tinha um pedacinho lá no fim, que tinha um lugar assim rasiinho que tomava banho de rio.

E: Quer dizer que era um passeio.

MJ: Um passeio. Ih! Muita gente de Friburgo, Sapucaia, que vinha fazer piquenique aí, tinha muito movimento, hoje não tem mais, que entrou água.

E: Acabou, né. O Sumidouro sumiu. (Risos).

MJ: Sumiu. Só é Sumidouro por causa disso.”

(Entrevista com a Senhora Maria José Storani Gonçalves, em 17/03/2006)

II. 2. Memória da devastação florestal em Sumidouro

De acordo com os dados do IQM-Verde de 1994, Sumidouro tinha sua área distribuída da seguinte forma: 9% de floresta ombrófila densa, que se caracteriza por árvores cuja altura média fica em torno de 15m, com outras esporádicas que chegam a 40m de altura; 55% de vegetação secundária; 31 % de pastagens. No IQM-Verde II, em 2001, a área de floresta diminuiu para 3% do território municipal e a vegetação secundária para 38%. Por outro lado, as áreas de pastagens apresentaram aumento significativo para 58%. Os dados referentes ao Censo agropecuário do IBGE apresentam resultados semelhantes:

Matas (ha)	1940	1950	1960	1970	1980	1995
<i>Estado</i>	645.883	571.267	553.960	483.117	453.105	348.986
<i>Região Serrana</i>	102.785	78.011	97.327	82.623	79.450	49.980
Sumidouro	3.247	5.755	5.555	10.241	5.026	3.727

Fonte: IBGE

Sumidouro foi o município da região serrana que apresentou a maior queda com relação à área ocupada por matas desde a década de 70, época em que a chamada Revolução Verde ganhou campos em várias regiões do país. Cerca de 73% da área de floresta sumidourense foi eliminada e substituída. A mesma relação de dados aponta um aumento significativo de áreas de pastagens:

Pastagens (ha)	1940	1950	1960	1970	1980	1995
<i>Estado do RJ</i>	1.223.825	1.343.048	1.447.371	1.724.069	1.744.614	1.545.123
<i>Região Serrana</i>	208.327	216.255	216.268	300.983	301.710	229.203
Sumidouro	10.010	10.521	14.872	20.382	21.082	13.068

Fonte: IBGE

Outro dado reforça se contrapõe ao do aumento da área de pastagens, reforçando os indícios de que o desmatamento nas últimas décadas é um fator alarmante para o meio ambiente. Os hectares de terra ocupados por estabelecimentos agropecuários no município diminuíram a partir dos anos 70, o que nos leva à conclusão de que a supressão das matas apresenta-se ainda mais impactante.

Área Total (ha)	1940	1950	1960	1970	1980	1995
Sumidouro	34.059	34.215	32.299	38.035	34.514	24.235

Fonte: IBGE

O processo de remoção das matas para dar lugar a pasto foi citado pelo Sr. Altivo:

Eduardo – Mas naquela época ainda tinha bastante floresta aqui, mata virgem?

Altivo – Ah, tinha, tinha sim senhor. Tinha

E – Mas essas matas tavam mais na parte alta ou na parte baixa?

A – É. Era geral. Tinha muito mato, tinha muita lenha.
 E – E por que desmatou?
 A – É, porque aí foram abrindo, né, foram fazendo pasto, vão tirando, vão vendendo. Por exemplo, aqui tinha uma máquina que puxava lenha daqui pra Friburgo. Lenha. Passava aqui nessa estrada o maquinário, o trem de ferro, né, vinha buscar lenha...
 E – O trem levava lenha pra Friburgo...
 A – ... levava lenha pra Friburgo...
 E – Pras fábricas...
 A – É, pras fábricas, pra aqueles lados de lá.
 E – E o senhor acha que esse desmatamento foi muito por causa disso?
 A – É, foi isso. Outro pra fazer pasto, lugar de capoeira, o sujeito queria fazer pasto, então roçava, botava fogo, semeava capim pra fazer pasto. Por aí.
 E – E no caso o método que se usava na lavoura era muito isso: derrubar e...
 A – É, isso. Exatamente.
 E – Mas na época que o senhor morou com o Sr. Chermouth, ainda tinha bastante floresta?
 A – Ah, tinha. Tinha bastante.
 Eduardo – E quando a sua filha nasceu já era uma situação diferente ou ainda era parecida?
 A – Não. Ainda tinha, porque a minha filha mais velha nasceu em 42. Então ainda tinha muita gente tirando lenha. Partia um trem de lenha que passava aí, que levava lenha para Friburgo, pras fábricas, pra lá, né?

(Entrevista com o Sr. Altivo da Silva, em 28/12/2005)

Dona Julia relembra os tempos em que as matas cobriam a região:

Eduardo: (risos). Então, então a... Um pouco agora falando da propriedade. Tinha floresta naquela época?
 Julia: Mata que você diz?
 E: Mata.
 J: Eu não... Eu não lembro, só lembro que meu pai, ele desmatou uma floresta quando eu era pequena.
 E: Quando a senhora era pequena.
 J: É! Isso eu lembro, os outros eu não lembro se... Acho que não tinha mais não! Não sei se era pasto... Eu sei que meu pai desmatou uma floresta e eu lembro de eu fazer muita arte. Depois ficou aqueles toco tudo assim, né? Aí eu fui pra lá, depois que meu pai queimou a ma...o mato, eu fui pra lá...
 E: Ah! Ele não derrubou, ele queimou, ele não derrubou com machado não...
 J: Machado! Que botou fogo, por que.... senão não tinha como acabar com aquilo!
 E: Era uma quantidade grande.
 J: É! Aí eu lembro que eu ia pra lá com minhas... amiga, minhas vizinha. Eu pegava um cipó daqueles que tinha pendurada naquelas árvore lá, que ele cortou as menores, né? As grandona ele não cortou não! Aquele cipó que tava agarrado lá em cima vinha pra ponta cá embaixo. Eu pegava um cipó daquele, eu ia subindo o morro assim, segurando o cipó. Quando chegava lá em cima, eu soltava, eu passava em cima daqueles tocos tudinho, não sei como é que eu não caí e não aconteceu uma coisa com...
 E: Criança parece que tem anjo da guarda.

(Entrevista com Julia de Andrade, em 29/04/2006).

II. 3. Memória da ocupação da nascente do rio Paquequer

O distrito de Soledade é onde nasce o rio Paquequer. Esta seria a última região a ser ocupada ao longo da história de Sumidouro. Mas isso não significa que haja um atraso com a relação as demais localidades nos dias atuais. Pelo contrário, podemos dizer que Soledade representa a face moderna da agricultura sumidourense.

Com várzeas amplas e bem drenadas, os primeiros habitantes se fixaram ali por volta de 1930, como relata Maria Regina Pimentel. De acordo com seu depoimento, em 1943, ano em quando se mudou para o lugar, migrando de Mottas (Teresópolis), havia apenas uma “pequena casinha branca”, que permanece ali até os dias de hoje. Um registro material, do tempo em que as matas ainda cobriam a região.



Figura 4. A localização da tal casinha apontada por Maria Regina Pimentel (DIAS, 2008)

O local onde se localiza esta casa fica exatamente na região de convergência dos primeiros canais que se unem para dar início ao fluxo do rio Paquequer, ou seja, na área onde o rio nasce.

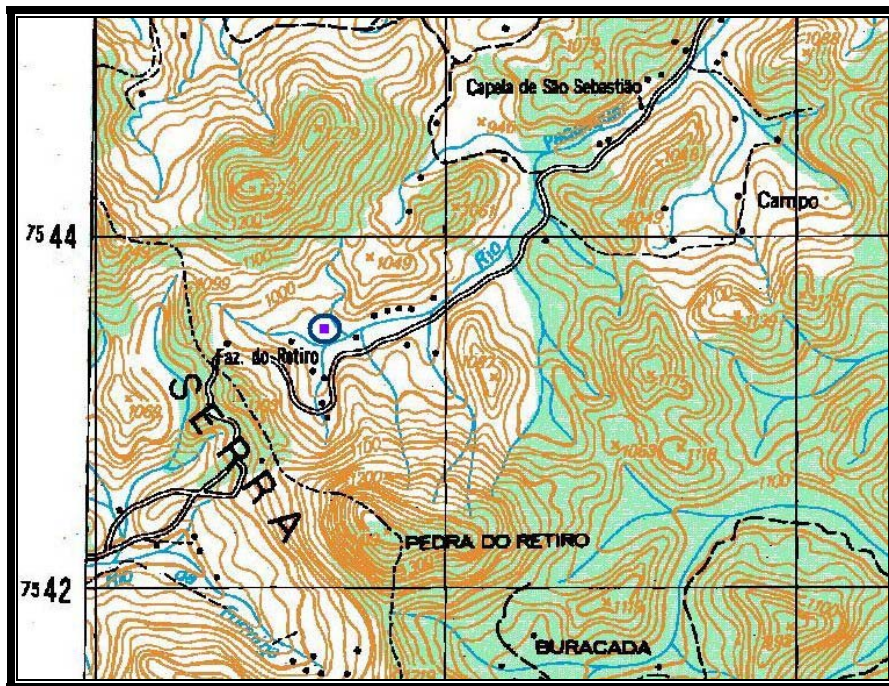


Figura 5. Localização da casinha na carta topográfica (escala aproximada 1: 50 000)

O depoimento do senhor Jose da Silva indica que as terras frias³ teria matas preservadas até o final da década de 20:

Eduardo - Por aí, né? Uma curiosidade: ainda tinha mata por aqui em Sumidouro, floresta?

José - Matas virgens?

E - Virgens. Ainda existia?

J - Existia.

E - Mas era mais nas montanhas, mais nas terras frias, não é?

J - É.

E - Nas terras quentes não, né? Nas terras quentes já tinha acabado há muito tempo né?

J - Aham.

(Entrevista com o Sr José da Silva, em 28-29/12/2006)

Mais em direção à jusante, porém, Dona Darci da Rosa relata que já em 1934 haviam poucas e espaçadas moradias no local:

Rafael: E morava muita gente aqui na região?

Darci: Não. Muito pouco. Hoje em dia tem muita casa! Mas de primeiro podia contar as casa que tinha.

(Entrevista com a Senhora Darci da Rosa, em 07/06/2008)

Ainda baseando-se em depoimentos, Dona Julia de Andrade aponta para a possibilidade de em 1948 haver um grupo razoável de moradores fixados ali, pois cita uma festa ocorrida neste ano:

Eduardo: Mas como é que a senhora conheceu seu marido?

Julia: Ah! Isso é uma história muito longa! (risos)

E: Ah! Conta. Conta a história, essa história é importante.

J: Importante?

E: É!

J: Porque eu tinha um namorado lá onde, onde eu nasci e fui criada lá em Santo André. Eu tinha um namorado lá, tinha...

E: Aham...

J: Já tava namorando ele uns quatro anos. Mais eu não gostava dele. Não gostava dele, ele era muito enjoado, muito brigão, muito ciumento, muito cheio de coisa. Aí eu, eu pensava assim:

“A hora que eu achar outro, vou dar um fora nele!” (risos).

E: (risos)

J: Aí teve um casamento aqui em Soledade, que a minhas vizinhas me chamaram pra mim ir no casamento, eu nem conhecia o pessoal do casamento... da noiva não, não conhecia não. Eu vim junto com minhas amiga, lá. Aí quando eu cheguei lá no casamento, era do irmão desse Jair

Muniz de Andrade. Cheguei lá eu gostei dele e começamos a namorar, aí eu dei um fora no outro (risos). Eu dei um fora... Mas é, sabe quantas hora levava pra ele ir é lá em casa? Três

hora de viagem a cavalo pra ele ir. E me namorou sete anos, sete anos.

(Entrevista com a Senhora Julia de Andrade, em 29/04/2006)

Devido à proximidade com Teresópolis e à melhoria na estrada de acesso ao distrito, a região logo estabeleceu um vínculo com o município vizinho. Isto, porém, também traz conseqüências negativas à economia municipal. Os pequenos produtores não costumam transportar suas mercadorias, ficando à mercê dos atravessadores. Mesmo sendo

³ Em outros depoimentos, há informações sobre a existência de gado na região das terras frias. Porém, não seria na área referente a onde hoje se localiza o distrito de Soledade, mas sim na área do distrito de Dona Mariana.

considerado um dos maiores produtores de alface do Estado, onde Soledade apresenta-se como principal pólo municipal de produção, isso não se reflete em números oficiais. Isto ocorre devido ao fato de Sumidouro não ter uma “Ceasa” ou mercado dos produtores, tendo sua produção escoada principalmente para o mercado de água quente, em Teresópolis. Assim, os dados de saída e entrada de mercadorias são registrados como produzidos em Teresópolis e não em Sumidouro.

No geral, a crítica à agricultura moderna tem focado especialmente as conseqüências indesejadas da produção de alimentos pela modernização agrícola. Estes fatores, segundo Florit (2004), intimamente ligados entre si, seriam:

- Riscos ambientais (perda da biodiversidade, erosão dos solos, etc.);
- Riscos sociais (êxodo rural, marginalização das populações que não se “modernizam”);
- Riscos alimentares (presença de agrotóxicos nos alimentos, diminuição da qualidade biológica apresentada pelos mesmos, incertezas geradas quanto ao uso de variedades modificadas geneticamente).

Conclusão

Como foi identificado anteriormente através de trechos de entrevistas, podemos notar que Sumidouro, com relação ao meio natural, sofreu um rápido processo de transformação.

Os depoimentos de velhos habitantes do município são bastante esclarecedores a respeito da forma como estava constituída a paisagem regional nas primeiras décadas do século XX. Além de fornecerem informações sobre as atividades econômicas desenvolvidas pela população, possibilitam visualizar aspectos relevantes da cultura material e das relações entre homem e natureza.

Tratava-se de um espaço agrário, onde a maior parte do povo estava preocupado com as lavouras. A região possuía grandes fazendas que exploravam madeira e cultivavam café, gado leiteiro e algumas leguminosas. Os depoimentos indicam ainda que a presença de matas favorecia a diversidade fauna:

“Eduardo – Tá certo. E me diga uma coisa: tinha muitos bicho ainda nas mata?

Altivo – Ah, tinha. A gente ouvia falar né, em bicho...

Eduardo – E passarinho?

A – Ah, bastante.

E – Bastante. O senhor lembra de alguns passarinhos ainda hoje que tinha muito na época?

A – Ah, lembro. Ainda primeiro tinha muita juruti, tinha muita pomba mineira, tinha muito guaxo.

E – Pomba mineira, como é que é a pomba mineira?

A – A pomba mineira é igualzinha a uma pombinha de casa, só a questão é que ela é do mato, né?

E – Ah, tá. E o guaxo é o que?

A – O guaxo ele é preto e amarelo.

E – Mas hoje em dia ainda tem guaxo?

A – Ah, por aqui há muito tempo eu não vejo.”

(Entrevista com Altivo da Silva, em 28/12/2005)

A mudança de um padrão produtivo com a introdução da olericultura em substituição à produção de café trouxe também uma exploração mais intensa dos córregos que alimentam o rio Paquequer. Esse fator serve como um fio condutor, um elo, entre o passado e o presente em Sumidouro, pois tanto os depoimentos de moradores mais

antigos, quanto o de pessoas mais jovens, alertam para o uso indiscriminado desses mananciais:

Eduardo: É. E o senhor tava contando também que tinha um peixe. Era muito comum o peixe né!

José Chermouth: Ah a Pirapetinga!

E: É!

J: Tinha o Pirapetinga que ainda tem, mas tá quase em extinção! Tem muito pouco agente pegava bastante há uns cinqüenta anos passados, sessenta anos mais ou menos...

E: Aham.

J: Eu pegava nesse rio aí!

E: E o rio tá acabando por quê?

J: É muita bomba pra puxar água pra molhar as lavouras

E: Aham

J: E então tira água do rio e o rio fica pequenininho!

(Entrevista com José Chermouth em 02/09/2006)

Rafael: E peixes?

Maicon: Peixe num tem. Num tem água. O povo lá de cima puxa a água toda. Tem vez que puxam tanta água que o rio seco aqui pra baixo e nós fica sem água. Ai eles têm que parar lá em cima pra água chegar aqui em baixo. Não tem peixe, não tem água.

(Entrevista com Maicon da Rosa em 07/06/2008)

Na área rural de Sumidouro é possível notar que ao longo dos córregos e do próprio rio Paquequer foram construídas pequenas casas de bombas. Os moradores represam a água e captam-na através de bombas. No trecho após essas casas o curso do rio aparece minguado, ocorrendo, em diversos pontos, uma inversão da dinâmica natural dos rios: o fluxo é mais abundante à montante do que à jusante (!).

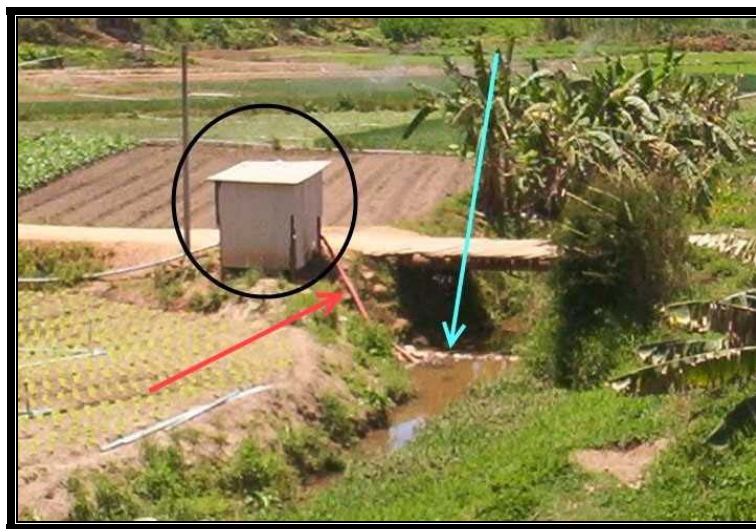


Figura 6. Casa de bombas para captação de água (DIAS, 2008)

Percorrendo o rio Paquequer desde Soledade, onde nasce, até a Sede do município este padrão não sofre muitas alterações. trecho que corta Soledade possui diversos pequenos córregos, quase todos atravessando várzeas ocupadas por plantações de hortaliças. É possível notar a ação antrópica no desvio de alguns desses córregos, fazendo com que o fluxo a atravesse a propriedade, facilitando a captação de água.



Figura 7. Um “corte” feito na encosta é indicado pela seta vermelha

A remoção das matas e o trato inadequado do solo são dois fatores que contribuem ainda mais para o carreamento de materiais das encostas e possível assoreamento dos canais. Segundo Guerra (2007) o limite de tolerância de perda de solo é a taxa máxima de erosão, em uma determinada área, que permita a manutenção de elevada produtividade na agricultura e na pecuária. Esses limites são definidos como aqueles em que a fertilidade do solo possa ser mantida por 20 a 25 anos.

Na região das nascentes do Paquequer, são nítidas na paisagem as marcas deixadas por máquinas pesadas, escavadeiras, entre outras, quando da remoção de grande quantidade de terra objetivando a obtenção de superfícies com declive menos acentuado para tornar o terreno mais favorável ao uso agrícola. Guerra (2007) ainda alerta que a forma ideal de se cultivar em encostas é em curvas de nível, que reduziria em 50% as perdas de solo.



Figura 8. À esquerda, uma bomba utilizada para aspergir agrotóxicos. À direita, um mulher realiza o trabalho (DIAS, 2008).

Ao desmatamento e à retirada de solo, para a expansão da área plantada, soma-se a contaminação do solo, dos rios e do lençol freático devido à utilização não criteriosa de

agrotóxicos e ao descarte desapropriado das embalagens destes agentes. Além da contaminação dos cursos d'água, a quantidade excessiva de agrotóxicos utilizada na lavoura traz outras conseqüências ao equilíbrio do meio ambiente: seu emprego contínuo faz com que, ao longo do tempo, certas pragas adquiram resistência e tornem-se imunes. Isto leva à necessidade de se diversificar os tipos de agrotóxico e aplicar quantidades crescentes, criando-se assim um círculo vicioso. Esta prática acaba favorecendo a proliferação de pragas e doenças, pois ao mesmo tempo em que são eliminadas as pragas que atacam as plantas, são destruídos também seus predadores, inúmeras espécies de insetos e pequenos animais que mantêm o equilíbrio natural.

Bibliografia:

ARRUDA, G. Cidades e sertões: entre a história e a memória. Assis, 1997 (Tese de Doutorado).

DRUMMOND, J. A. *A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p.177-197, 1991.

FLORIT, L. A reinvenção social do natural: Natureza e agricultura no mundo contemporâneo. Blumenau: Edifurb, 2004.

FREITAS, I. A. A Geografia na construção de uma história ambiental brasileira. Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, p. 155-168 jul/dez 2002.

GUERRA, A.J. & CUNHA, S.B. Geomorfologia: Uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

LAMEGO, A. R. O Homem e a Serra. IBGE, 1959.

LOZANO, J.E.A. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

MARTINS, M. L. História e meio ambiente. São Paulo: Annablume; Faculdades Pedro Leopoldo, 2007.

THOMPSON, P. A voz do passado - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. *Est. Hist.* 4 (8): 202 – 209, 1991.

Entrevistas (Algumas já se encontram disponíveis no site www.falasumidouro.com)

Altivo da Silva

Darci da Rosa

José da Silva

Julia de Andrade

Maicon da Rosa Gallo

Maria Jose Storani

Maria Regina Pimentel do Espírito Santo